

Nova Lima, 10 de julho de 2023

**Ata da 153ª (centésima quinquagésima terceira) reunião ordinária do COMAD**

Conselheiros presentes: **Adinan Soares:** representante do Conselho Tutelar – Sede; **Aloísio Vimieiro:** representante da Associação Comercial de Nova Lima – ACE-NL; **Ana Cardoso:** representante da Coordenadoria de Políticas sobre Drogas; **Fernanda Fonseca:** representante do coletivo Joga, Idalina! **Míriam Fátima dos Santos:** representante do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais – SINPRO; **Patrícia Gonçalves:** representante suplente da Coordenadoria de Políticas sobre Drogas; **Thiago Guilherme:** apoio administrativo do conselho; **Vandeir Barbosa:** participante da sociedade civil. A 153ª (centésima quinquagésima terceira) reunião ordinária do COMAD ocorreu de modo presencial, na sede do POC (Oficial Criança), localizado na Rua Miguel Couto, nº 10, Centro, Nova Lima, e foi instalada em 2ª convocação, às 9h20. Leitura da ata da reunião anterior: aprovada sem alterações. Justificativas de ausência: **Simone Lopes,** representante da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – SEMDS, ausentou-se por questão de saúde; **Vera Lucia Viana Miranda,** representante do Conselho Tutelar – Noroeste, ausentou-se por questão de saúde e informou que deixará a função de conselheira, indicando **Eliete** para ocupar o seu lugar. Retorno sobre a Semana Estadual de Prevenção: **Fernanda** relatou que os *flyers* encaminhados pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social – SEDESE foram distribuídos nas escolas estaduais Maria Josefina Sales Wardi e João Felipe da Rocha, com o apoio do NAE – Núcleo de Acolhimento Educacional, e que o Comad enviou ofício de agradecimento contendo relatório fotográfico da ação. Retorno sobre as rodas de conversa da Semana Municipal de Prevenção: **Fernanda** relatou que foram realizadas oito rodas de conversa em quatro dias, quatro na Escola Municipal George Chalmers e quatro na Escola Estadual Maria Josefina Sales Wardi, superando positivamente a proposta inicial de realizar uma única roda de conversa em cada escola. **Aloísio** comentou que a escolha da escola George Chalmers foi bastante acertada, pois, na sua opinião, é uma escola que tem dado muito problema, mencionando o elevado número de vezes que o Conselho Tutelar foi chamado. **Míriam Fátima** argumentou que não existe escola que não dá problema e acrescentou que vivemos tempos difíceis. A presidente do Comad mencionou que tudo o que foi preparado com tanto zelo alcançou um bom resultado. Disse que se uma pessoa parou e refletiu, já valeu a pena, porque ela vai multiplicar. Pontuou que um encontro não é capaz de mudar a situação, mas que precisamos sensibilizar as pessoas, ponderando que uns vão querer, outros não, mas que o nosso papel não é de reprimir, mas de acolher. Afirmou que a questão das drogas é uma realidade no mundo, mas que, enquanto a nossa sociedade fala em combater, outros países estão pensando em formas de liberação, vendo como uma questão de

saúde pública. **Patrícia** comentou que participou dos dois primeiros dias das rodas de conversa na escola George Chalmers, na segunda e na quarta. Colocou que, a princípio, não concordou com a forma de seleção dos alunos, chamados para participar por serem considerados pela direção como de risco. **Míriam Fátima** acrescentou que isso é discriminatório e questionou os possíveis motivos considerados pela direção para concluir que a situação daqueles alunos era de risco: foi pela condição social? pela aparência? por alguma ocorrência anterior? ou foi um julgamento aleatório? **Patrícia** mencionou que os próprios jovens, no início da atividade, questionaram o porquê de apenas eles estarem participando. Compartilhou sua percepção de que, no primeiro dia, houve esse embate, uma resistência, uma desconfiança por parte dos alunos. **Fernanda** explicou que o Comad deixou a critério da escola a formação dos grupos, que precisavam ser reduzidos, já que não seria possível contemplar todos os alunos. Avaliou que pode ter sido uma falha não orientar a direção nesse sentido e confirmou que, de fato, escolheu os alunos que, na visão da escola, estavam mais vulneráveis, o que acabou marcando aqueles que participaram. **Míriam Fátima** disse que, dessa forma, eles foram apontados como possíveis usuários ou já usuários. **Patrícia** acrescentou que o mesmo grupo foi mantido durante toda a semana. Reforçou que, no primeiro dia, a Ana conduziu muito bem, teve uma leveza de conversar com os jovens. Compartilhou seu sentimento de que os profissionais desse dia tiveram uma certa dificuldade. **Fernanda** explicou que, ao contrário dos alunos, os profissionais variaram. **Aloísio** opinou que pelo menos um desses profissionais deveria ter continuado para seguir a sequência do primeiro dia. **Patrícia** mencionou que, nos dois primeiros dias, a psicóloga era a mesma, mas que foram terapeutas ocupacionais diferentes. Contou que, no segundo dia, elas fizeram uma dinâmica de grupo, com todos sentados em círculo, ao contrário do primeiro dia, dispostos em fileiras. **Aloísio** compartilhou sua opinião de que funcionou melhor na roda. **Patrícia** continuou dizendo que, no segundo dia, os jovens participaram mais. Reforçou que não foi usada a palavra droga por parte dos profissionais, mas que os próprios jovens a mencionaram. Compartilhou sua impressão de que, no segundo dia, foi alcançada a sensibilização do grupo, porque eles voltavam para perguntar outras coisas, o que indica que houve reflexão. **Fernanda** mencionou que participou do primeiro dia, que foi no estilo de palestra, mas que a Ana conduziu com muita sabedoria, porque se colocou em uma posição de igualdade. Disse que também foi nos dois últimos dias, quinta e sexta, que contou com dois psicólogos do Ambulatório de Saúde Mental. Reforçou que, no primeiro dia, os alunos estavam muito agitados, se questionando porque foram escolhidos, e que isso gerou, naturalmente, uma resistência. Relatou que percebeu que eles ficaram “alvorçados” pela presença de pessoas diferentes, mas que não concordou com a atitude da diretora, que considerou ríspida e autoritária, quando ela falou, em um tom de voz mais elevado, que ninguém estava lá para brincadeira.

**Fernanda** refletiu que, infelizmente, foi uma reprodução do que eles vivem diariamente na escola e que não percebeu na diretora uma abertura para o diálogo. **Aloísio** opinou que “se não for assim não tem jeito, porque aluno já bateu em professora lá”. **Fernanda** argumentou que a proposta não era a de colocar os profissionais em posição de superioridade e os alunos de inferioridade, mas de diálogo. Ponderou que, embora não pudesse entrar na forma de condução da disciplina escolar, considerou a atitude da diretora prejudicial, principalmente porque os alunos vieram de um questionamento sobre o porquê de estarem ali. Acrescentou que, na sua percepção, o começo não foi tranquilo, mas que, com as intervenções da Ana, os alunos começaram a entender que eles não estavam ali para serem punidos, que era uma conversa, embora a abertura não tenha sido nesse sentido. Percebeu que, no final da semana, era outra a visão que eles tinham. Contou que eles a reconheceram e perguntaram se ia ter de novo. **Míriam Fátima** completou dizendo que isso significava que eles tinham gostado. **Fernanda** acrescentou que, no segundo dia, houve uma dinâmica, com uma atividade descontraída, em círculo, assim como nos dois últimos dias, possibilitando maior oportunidade de interação. Interpretou que isso conseguiu quebrar a primeira impressão e favoreceu uma maior adesão. Reforçou que, no fim das contas, considerou positivo ter tido mais tempo para trabalhar com o mesmo grupo. **Aloísio** completou dizendo que esse é um ponto válido. **Patrícia** observou que, no primeiro dia, havia muitos funcionários na sala “tomando conta”, e disse que, apesar de concordar que é uma turma “difícil”, considera importante dar credibilidade a eles. Contou que chegou a imaginar que, no dia seguinte, eles não iriam sequer à aula, mas se surpreendeu com apenas uma ausência. Reparou que, no segundo dia, não havia tantos funcionários presentes, apenas duas professoras, que também se sentaram no círculo, junto com os alunos, com boa participação, até o final. Mencionou que quando o jovem cria confiança naquele profissional, faz uma diferença muito grande. Ponderou que, apesar de entender a intenção da diretora em manter a ordem, a forma não foi bacana. Reforçou que houve reflexão por parte dos jovens, que alguns repensaram a própria vida. Descreveu a dinâmica do segundo dia, na qual os alunos sorteavam perguntas relacionadas a perspectivas de vida, autoestima, etc. Lembrou que uma das perguntas era “o que você faz hoje está contribuindo para o seu futuro?” e que a resposta negativa de dois deles a marcou muito. Acrescentou que isso é importante por mostrar que aquela turma está no ponto de ser trabalhada, que é possível ter um resultado, pois o jovem está assumindo que o que ele faz hoje não vai lhe dar um retorno no futuro, não condiz com o que ele espera para si. **Míriam Fátima** comentou que se a escola for sábia pode dar continuidade no trabalho iniciado com o grupo. **Patrícia** relatou que alguns disseram que queriam ter uma família, filhos, e que eles entendiam que o que estavam fazendo no presente não contribuiria para isso. **Aloísio** contou que esteve na quadilha da escola, no sábado, e que 90% do grupo estava presente.

Disse que os alunos o reconheceram e o questionaram sobre o motivo dele estar ali, respondendo que era para fiscalizar se tinha bebida alcoólica, pois a ordem era para recolher, mas que não encontrou nenhum problema. **Fernanda** retomou comentando que ficou sensibilizada com a maioria das respostas à pergunta: “como você se imagina daqui a 10 anos?”. Contou que muitos deles disseram: “não sei nem se estarei vivo” ou “só Deus sabe”, o que demonstra a falta de perspectiva por parte dos jovens, que não conseguem planejar a própria vida. Avaliou que é como se fosse retirado deles inclusive o direito de sonhar. Refletiu que, se for considerar a questão social e racial, são pessoas cuja expectativa de vida é mais baixa, que convivem diariamente com a violência, porque é amigo ou parente que morre cedo, etc. **Míriam Fátima** acrescentou: “estão desiludidos e desesperançosos”. **Fernanda** disse que o Comad deveria ocupar os espaços que tem potencial para fazer com que os jovens criem perspectiva sobre a própria vida, que seriam, na sua opinião, a profissionalização, a cultura e o esporte. Reafirmou o quanto isso pode fazer com que eles sonhem, ainda que seja em se tornarem jogadores ou músicos, contemporizando que, na falta de perspectiva, eles se deixam levar pelo que aparece. **Míriam Fátima** ponderou as dificuldades diárias dos profissionais da educação para criarem projetos que possam despertar o interesse dos alunos para outras atividades. **Aloísio** mencionou que muitos professores estão adoecendo. **Patrícia** comentou que isso gera um reflexo na sala de aula. **Fernanda** retomou a fala da Raquel na última reunião sobre o aumento das queixas entre os alunos de depressão e ansiedade. Lembrou que a escola foi muito afetada pela pandemia. **Míriam Fátima** acrescentou que a escola é o ambiente social desses indivíduos, o que foi perdido pela pandemia. Atentou para a necessidade de recuperar esse lugar e ponderou que, se a escola for muito autoritária, essa retomada fica mais difícil. **Aloísio** mencionou que o vínculo foi perdido, que os alunos voltaram piores e que os professores não estavam preparados para o retorno da forma como aconteceu. **Patrícia** compartilhou sua percepção de que, hoje, a escola tem que dar conta do social, mas que essa não é função da pedagogia. Mencionou a tramitação de leis e a batalha a nível nacional dos conselhos de assistência social e psicologia para sensibilizar os governantes sobre a importância de incluir o serviço social e a psicologia nas escolas. **Míriam Fátima** acrescentou que só os professores não dão conta e que a direção é burocrática, exerce outros papéis. **Patrícia** lembrou que eles não têm a formação para isso, apesar de reconhecer que eles tentam fazer o que podem para contribuir. **Aloísio** opinou que deveria dar bastante autonomia para os diretores, porque entende que eles são os gestores do município. **Míriam Fátima** explicou que o papel deles é mais técnico e avaliou ser mais interessante que eles articulem para levar outros profissionais com essa competência para dentro das escolas. **Fernanda** retomou os assuntos que foram tratados na sequência das rodas de conversa, que se desenvolveram em uma sucessão lógica, iniciando com uma abordagem

relacionada ao círculo social, amizades, atividades de lazer, planejamento de futuro, escolhas, condução da própria vida, até chegar ao tema das drogas propriamente dito. Contou que os psicólogos dos dois últimos dias conduziram com muita responsabilidade o assunto, perguntando aos alunos o que eles entendiam por droga, os tipos, as especificações e os efeitos no organismo. Afirmou que eles foram muito participativos e trouxeram suas próprias experiências e opiniões. Lembrou que uma das dinâmicas envolveu o debate acerca da legalização, explicando a diferença entre criminalização e legalização e propondo que eles se dividissem em dois grupos, de modo que cada grupo deveria defender um posicionamento, trazendo argumentos, tendo vencido o grupo contrário à legalização. Reforçou que, apesar do resultado, eles puderam pensar a respeito e ouvir pontos de vista diferentes. **Miriam Fátima** ponderou que eles podem ter chegado a essa conclusão por pressão do ambiente escolar. **Patrícia** aventou que pode ter sido por desconhecimento acerca dos conceitos. **Fernanda** contou, ainda, que, no último dia, foi trabalhado o tema da redução de danos. **Miriam Fátima** mencionou que foi deslizante, deslizando para o fim que a gente queria e reforçou que a redução de danos é o nosso foco. **Fernanda** disse ter percebido que eles desconheciam o termo, mas que foi explicado e, após, sugerido que eles propusessem ações de redução de danos, a partir do que eles entenderam. Contudo, constatou que os adolescentes tiveram dificuldade de identificar o que seria redução de danos, apresentando exemplos simplistas como “não usar”, que é um argumento da linha proibicionista. Para esclarecer, foi citado que a redução de danos envolve pensar no que deve ser feito para diminuir os prejuízos do uso de uma droga, uma vez que elas estão disponíveis e algumas são, inclusive lícitas. Relatou que, para iniciar o assunto, o psicólogo propôs uma dinâmica de soletração inversa, para mostrar que é difícil mudar o pensamento para algo que é oposto ao que se está acostumado, promovendo uma reflexão. Concluiu que entendeu positiva a sequência de assuntos abordados, iniciando com a vida, o lazer, passando pelas perspectivas de futuro e as escolhas, para depois, entrar na questão das drogas, culminando na redução de danos. **Miriam Fátima** pontuou que eles foram tratados como jovens que podem estar próximos a essa situação, pela própria idade, refletindo que isso os deixou à vontade para falar. Afirmou que percebeu que eles conseguiram evoluir nas atividades propostas, que lhe pareceram muito boas. **Fernanda** reportou que eles trouxeram exemplos de situação que já vivenciaram com a bebida, pois são jovens que já iniciaram o uso. Reforçou que proibir é ineficaz e que entende ser mais produtivo ajudar os jovens a compreenderem como eles podem fazer isso da melhor forma, reduzindo os danos. Confirmou seu sentimento de que foi importante trabalhar com o mesmo grupo por um período maior. Também reportou que foi feita uma pesquisa de satisfação e que os dados ainda estavam sendo compilados. Adiantou que, em uma primeira análise, todos responderam que gostaram, que queriam que tivesse mais vezes, sobre esse e

também sobre outros temas, entre eles, gravidez e alimentação. Contou que um aluno respondeu que gostou porque pôde argumentar e falar o que pensa, e outro disse que aprendeu bastante. Mencionou que, em uma conversa com os psicólogos, após o fim das atividades, um deles explicou que, em eventos como esse, é importante deixar os alunos mais soltos, saindo para ir ao banheiro ou conversando entre si, de forma paralela, sem tanta intervenção como em sala de aula. **Patrícia** informou que, com relação ao assunto da gravidez, acredita que há uma comissão da saúde realizando esse trabalho, e sugeriu que o conselho comunicasse essa comissão sobre a demanda dos alunos. **Fernanda** levantou a possibilidade de solicitar um *feedback* aos profissionais que conduziram as conversas. Lembrou que foi apresentado o CRIA e outros locais onde é possível procurar ajuda. E que, nos dois últimos dias, a referência da UBS que atende o bairro esteve na George Chalmers, acompanhando os trabalhos. **Míriam Fátima** disse que foi possível concluir o sucesso da ação. **Aloísio** confirmou. **Fernanda** falou que, na sua opinião, caso o conselho queira continuar o trabalho com esse grupo, já foi criada uma abertura maior. Supôs que não teria mais tanta resistência quanto a que foi percebida na primeira rodada. **Míriam Fátima** usou a palavra laço e avaliou que, a partir do que foi relatado, a barreira inicial foi causada pela reação à posição ríspida da direção. Disse que eles já estão cansados disso e que o mundo já sabe que isso não funciona com jovens. **Aloísio** afirmou que depois foi mais tranquilo. **Fernanda** confirmou e acrescentou que depois melhorou porque eles perceberam que a proposta era tratá-los de igual para igual. **Aloísio** opinou que, no primeiro momento, “tinha que mostrar pressão mesmo”, que, na sua visão, se não fosse assim, não seria possível conduzir, porque estava tendo muita piadinha atravessada, muito riso. **Míriam Fátima** argumentou que isso é da idade. **Fernanda** opinou que mostrar pressão só causa resistência. **Aloísio** afirmou que funcionou. **Fernanda** repetiu que funcionou porque a Ana começou a falar na linguagem deles. Ressaltou que essa era uma capacidade muito importante e um mérito muito grande dela, de ouvi-los e deixar eles falarem, de estar atenta a uma palavrinha que eles diziam e puxar um fio dali, que isso cria mais vínculo do que quando uma pessoa chega de uma posição superior e eles têm que obedecer. Afirmou que funcionou porque, no decorrer da atividade, eles foram percebendo que não era algo de cima para baixo, mas que era algo horizontal. **Míriam Fátima** comentou que eles já são bastante humilhados pela sociedade e que quando alguém os acolhe e quer conversar com eles, não precisa ser ríspido. **Aloísio** expôs seu pensamento de que, fora do ambiente escolar, eles estão com liberdade demais, que “está tudo muito solto”. Disse que, naquele ambiente, tinha que preservar mais, saber que eles estavam ali para ouvir. **Fernanda** perguntou o que ele queria dizer com “solto demais” e colocou que, muitas vezes, as famílias são tão desestruturadas que não conseguem nem olhar para eles. **Aloísio** completou que era exatamente por isso, que na falta de uma família bem

estruturada, sem orientação, eles estão na rua. **Fernanda** perguntou se teria que ser só com autoridade, então? E disse que eles estão na rua porque eles, muitas vezes, não suportam ficar em uma casa desestruturada. **Aloísio** disse que tem conhecimento de que uma meia dúzia ali “teve berço”. **Fernanda** perguntou o que era berço. **Aloísio** explicou que era uma família boa. **Miriam Fátima** disse que os outros que não tiveram uma família boa não são culpados por isso. **Patrícia** compartilhou sua experiência trabalhando com o serviço de acolhimento institucional. Disse que, nesse período, aprendeu a importância de entender a história de vida de cada um, porque ela revela muita coisa. Falou que não é questão de berço, é questão de como ele foi acolhido por essa família. **Fernanda** questionou novamente o conceito de berço, se é o sobrenome, se é ter dinheiro. **Aloísio** disse que é como ele foi criado, se teve boa alimentação, se mora em um lugar sem risco social. **Patrícia** explicou que não é correto falar isso porque existem famílias com bom poder aquisitivo e, supondo, com mais de um filho, que dão a mesma educação e os mesmos recursos, mas que um dos filhos pode não seguir o mesmo caminho. E questionou se é mesmo a família, se é o berço. **Aloísio** respondeu que nem sempre. **Patrícia** explicou que esse é o ponto, que a história de vida de cada indivíduo é diferente, mesmo dentro do mesmo núcleo familiar, que a própria história da família também influencia. Continuou afirmando que, infelizmente, existem famílias muito vulneráveis, em todos os sentidos, e que não tem como cobrar do aluno dentro da escola que ele tenha um comportamento padrão. Pontuou que o que ele vivencia em casa, o que ele passa na família, na sociedade, na comunidade, vai refletir em como ele vive na escola. **Aloísio** disse, que dentro da escola, não se pode aceitar o mesmo tipo de comportamento que ele tem na rua, que a escola tem que ter regra, tem que ter disciplina. **Fernanda** ponderou que a forma de criar essa disciplina no aluno é questionável. **Aloísio** argumentou que ele vai atrapalhar os outros alunos e afirmou que “ou ele se adapta ou ele vaza”. **Fernanda** falou: então vaza e larga ele na rua, o problema é dele, deixa pra lá? **Aloísio** completou que era para procurar um tratamento, uma coisa especializada, mas que ele não poderia continuar ali, para atrapalhar o resto dos alunos. **Patrícia** afirmou que a escola é a sociedade dele e que a gente não pode excluir. **Fernanda** disse que assim estaria excluindo aquele que é diferente. **Aloísio** alegou que estaria encaminhando para um tratamento. **Fernanda** argumentou que, no entendimento do Aloísio, se estaria excluindo a pessoa que não se adequa ao grupo, afirmando que não concordava com isso. Disse que, no seu entendimento, deveria trabalhar com a pessoa dentro, para ela aderir às regras. Afirmou que considera importante, sim, as pessoas aderirem às regras, mas questionou se a melhor estratégia é tirar a pessoa do grupo ou se não seria melhor ajudar ela a entender, com a própria vivência, com a própria dificuldade, a como fazer parte daquilo. **Aloísio** ponderou que a teoria é uma coisa, mas a realidade é outra, afirmando que deve-se ter atenção, porque nem sempre bate. **Patrícia** disse

que não é teoria, que é nosso papel, como ser humano, fazer esse acolhimento. E fez o seguinte questionamento: se você tira, porque considera aquele indivíduo problemático, porque ele está contaminando os outros, você vai pôr ele onde? **Míriam Fátima** completou: vai jogar ele no vaso e dar descarga? **Aloísio** reafirmou que, na sua opinião, se não tem como consertar, melhorar, deve-se afastar, sim. Falou, ainda, que, em um conselho, todos podem dar sua opinião. **Patrícia** disse que há posições diferentes, mas que dá o seu parecer como técnica. Afirmou que, como técnica, discorda completamente disso. E acrescentou que, aí sim é que deve-se dar atenção a esse jovem, e não tirar ele da escola. **Míriam Fátima** acrescentou que ele está pedindo socorro. **Patrícia** continuou dizendo que problemas todos nós vamos ter, que as escolas estão passando pela mesma situação, tanto a particular quanto a pública. E pontuou que excluir aquele jovem, com todas as suas vulnerabilidades, está contribuindo para que ele vá por outro caminho longe da escola. **Míriam Fátima** explicou que a lei não permite que o aluno fique fora da escola. **Aloísio** mencionou que tem escola especializada. **Míriam Fátima** afirmou que isso não existe, que é proibido por lei. **Aloísio** perguntou se não tem mais. **Patrícia** perguntou em que sentido a escola seria especializada, como ela seria? E pediu um exemplo. **Aloísio** contou que imaginava que ela teria mais profissionais para atenção, porque um professor em uma sala com 40 alunos é difícil. **Patrícia** explicou que não existe isso de escola especial, que agora é inclusão, que todo mundo tem o direito de participar e de frequentar a mesma escola. Mencionou que existem algumas alternativas, como pontuou antes. Reforçou que, hoje, existe uma legislação que garante um profissional do serviço social e da psicologia dentro de todas as escolas. **Míriam Fátima** reforçou que não é para atender cada aluno, mas para privilegiar a questão social da escola. **Aloísio** disse que acha isso super válido. **Míriam Fátima** acrescentou que se um aluno tem muita dificuldade, alguma doença, um *borderline*, por exemplo, a escola pode encaminhá-lo para algum tratamento fora do horário da aula, porque nenhuma criança ou adolescente até 18 anos pode ficar fora da escola. **Patrícia** reforçou que ele continua na escola. **Míriam Fátima** disse que não é porque ela é pobre, preta ou mais “difícil” que ela vai ter que ser colocada para fora. E perguntou: não deu certo, então chuta fora?, afirmando que tem que acolher, abraçar. **Aloísio** argumentou que colocou uma situação em caso de ato infracional, que não disse cor, religião. E exemplificou: se o adolescente está traficando, ele está cometendo um ato infracional. **Míriam Fátima** perguntou se ele sabia que, mesmo assim, o aluno tem o direito de frequentar a escola. **Aloísio** respondeu que sim. **Míriam Fátima** acrescentou que no Estado existe um núcleo que acompanha. **Ana** disse que existe o sistema nacional de medidas socioeducativas. **Fernanda** atualizou Ana sobre o andamento da reunião até aquele momento e convidou-a a apresentar suas impressões sobre a semana. **Ana** relembrou que o Comad fez o convite para as escolas deixando em aberto a escolha do público,



porque entendeu que a escola está mais capacitada para isso. Informou que, na George Chalmers, eles decidiram selecionar alunos que consideraram problemáticos para a temática e trabalhar ao longo da semana com o mesmo grupo. Relatou que, na escola estadual Maria Josefina Sales Wardi, no Jardim Canadá, a direção teve uma postura diferente, optando por trabalhar com turmas de 1º e 2º ano, na faixa etária dos 15 aos 19 anos. Retomou que o Comad contou com o importante apoio da saúde e mencionou que se reuniu com a Leila para explicar a proposta em detalhes. Disse que a saúde, de modo geral, disponibilizou profissionais do NASF – Núcleo de Apoio à Saúde da Família, referenciado nas UBSs, entre eles psicólogos e terapeutas ocupacionais para realizar as atividades, além de profissionais do Ambulatório de Saúde Mental e do CRIA. Mencionou que, aparentemente, os profissionais do NASF, que estiveram em maior número no Jardim Canadá, fizeram um alinhamento prévio mais condensado do que os profissionais que atuaram na George Chalmers, para estabelecer uma dinâmica de acolhimento e uma metodologia pautada por trabalhar com os adolescentes a promoção da saúde, principalmente, da saúde mental. Compartilhou sua impressão de que foi um espaço acolhedor, apresentando como indicativo o fato de um adolescente conseguir falar fazendo um recorte para as drogas ilícitas. Justificou que os adolescentes são, em razão da idade, muito críticos, ácidos e tensionam as normas e que, por isso, começa com um certo embate, que é quebrado à medida que o tema vai sendo destrinchado e passa-se a falar sobre os riscos envolvidos. Pontuou que é uma colocação recorrente entre os adolescentes tratar o uso da maconha como algo relaxante e reforçou como é importante construir junto com eles a reflexão sobre a existência de outras formas de se relaxar, retomando para a questão da saúde. Explicou que a adolescência é, reconhecidamente, um período em que o jovem se distancia das UBSs, especificamente dos 16 aos 30 anos, ponderando que isso ocorre um pouco menos com as mulheres por questões ginecológicas. Afirmou que considerou a semana muito benéfica e apresentou alguns resultados obtidos pela compilação dos dados até o momento. Relatou que foi perguntado se eles gostaram do tema, se eles gostariam de falar sobre o tema novamente, sobre quais outros temas eles gostariam de falar e por que eles gostaram: majoritariamente, eles responderam que gostaram do tema e gostariam de falar sobre ele novamente. Avaliou que os motivos deles terem gostado estavam relacionados à metodologia, que foi diferente do que eles esperavam. Compartilhou que apareceram respostas como “foi um espaço acolhedor”, “vocês falam bem”. **Fernanda** acrescentou: “eu pude argumentar”. **Ana** confirmou e continuou listando outras respostas, como: “vocês nos ouviram”. Disse que foi citada a presença do Thiago, nosso apoio administrativo, por uma questão de identificação, por ele ser jovem. Lembrou que, na menção a outros temas, os mais recorrentes foram saúde mental, isolamento e questões alimentares. Refletiu que esse é um indicativo muito forte de que a

prevenção envolve trabalhar essas vulnerabilidades dos jovens. Compartilhou sua surpresa ao descobrir, nas conversas, uma palavra que até então desconhecia: autofobia. Explicou que significa um receio muito grande de ficar só. Exemplificou que, na George Chalmers, um dos alunos com quem conversou lhe disse que não conseguia ficar em sala de aula, que antes da pandemia dava conta de ficar, mas que, depois, não conseguia mais. Ponderou que esse marcador muito presente da autofobia, pela apropriação dos jovens de um termo que é técnico, reforça, para nós, que a política de prevenção deve estar diretamente relacionada à saúde mental, passando pela necessidade de cuidado e acolhimento. **Míriam Fátima** reiterou que eles estão pedindo ajuda. **Ana** relatou que, no Jardim Canadá, também teve a presença, em três dias, das profissionais do NAE – Núcleo de Acolhimento Educacional, formado por uma psicóloga e uma assistente social. Afirmou que teve um retorno positivo da direção e que, de modo geral, ela nos convidou para voltar novamente, o que indica que a atuação do conselho e a metodologia estabelecida foram muito boas. Isso confirma os estudos que indicam que a metodologia de conversar com o adolescente, de tentar se inserir na realidade dele, no vocabulário dele, alcança uma vinculação muito maior do que trazer alguém que passou por esse quadro de dependência. Reforçou que, como o nosso material propõe, a reflexão está para além de falar da dependência, priorizando falar do uso prejudicial e dos riscos envolvidos. Dos 68 jovens que responderam a pesquisa, apenas dois disseram que gostariam de conversar com alguém que já passou por essa experiência, o que é um número muito pequeno. Confirmou sua opinião de que a proposta de ação do conselho foi exitosa, a partir do retorno obtido, especialmente pela forma que foi aplicada. **Míriam Fátima** acrescentou que, no seu entendimento, o conselho cumpriu o objetivo de se aproximar do jovem, considerando que a adolescência é uma fase difícil, ainda mais nos dias de hoje, e, mesmo assim, obteve o retorno de que eles queriam mais. **Ana** mencionou que isso também mostra o quanto o conselho está crescendo, pois pôde contar com o apoio direto de profissionais da saúde. Reforçou que é importante a gente entender o conselho como esse conjunto. **Aloísio** quis saber se a pergunta que eles fizeram sobre ouvir alguém que passou pela situação queria dizer um adicto. **Ana** reforçou que apenas dois alunos, de um universo de 68, manifestaram esse interesse e que, na verdade, seria um ex-adicto. **Aloísio** perguntou se não seria alguém em tratamento. **Ana** respondeu que não. **Aloísio** disse que, desde a criação do Comad, nenhum adicto permaneceu em mais de três reuniões consecutivas. **Fernanda** disse que, talvez, foi pela forma como o assunto foi tratado e que a culpa é do próprio conselho, especulando que a pessoa pode não ter voltado porque não se sentiu representada. **Vandeir** disse que não era por isso, que um dos adictos foi vice-presidente e não era frequente. **Míriam Fátima** pontuou que não entendeu que era isso que os adolescentes estavam querendo. **Ana** retomou a palavra para apresentar outros apontamentos sobre as demais

atividades da semana, passando a relatar um evento que lhe causou desconforto. Disse que houve uma falha de comunicação entre os conselheiros sobre os alinhamentos que foram feitos e que considerava isso muito grave. Reforçou que é importante que os conselheiros entendam que as decisões não são tomadas individualmente, mas postas e votadas dentro do conselho. Lembrou que o alinhamento inicial foi no sentido de que a mesa diretora elaboraria o material a ser produzido, apresentaria uma proposta, que seria votada e, depois de aprovada, encaminhada para o Aloísio, representante da Associação Comercial – AC-NL, para que o material fosse produzido. Mencionou que houve uma falha de comunicação em relação à necessidade ou não de se oficializar a Associação Comercial para produzir esse material. Lembrou que, quando fez esse questionamento em reunião, com a intenção de entender se precisaríamos ser burocráticos ou não, quais procedimentos precisaríamos tomar com a ACE-NL, foi pontuado que não havia necessidade de se oficializar. Contou que, posteriormente, foi indicado que o ofício era necessário, mas isso não chegou até a mesa diretora. Disse que, em momento algum, foi informada de que houve uma mudança de procedimento e que o ofício precisaria ser encaminhado. Explicou que, diante disso, o ofício foi enviado posteriormente, no dia 15 de junho, e, até o momento, não houve resposta oficial. Contou que houve apenas um retorno extraoficial de que não haveria a possibilidade de produzir o material. Ponderou que, pensando na questão do fortalecimento do conselho, considerando que os conselheiros sempre pontuaram que as ações da parada educativa são muito benéficas, por dialogar com a população, se disponibilizou, enquanto conselheira, a estabelecer outras duas estratégias para viabilizar os materiais. Falou sobre outra situação, que também envolve comunicação. Explicou que o Comad conta com o apoio administrativo da Secretaria de Desenvolvimento Social, mas mencionou que não se pode perder de vista que o conselho está passando por um processo de fortalecimento. Por isso, questões que são postas e tidas como naturais para outros conselhos, como um carro à disposição ou sede própria, por exemplo, não é uma realidade para o Comad, porque está relacionado ao processo de fortalecimento daquela política. E reforçou que, naquilo que é possível, isso vem sendo feito. Pontuou que, dentro da construção da semana, nos últimos dois meses, foi colocado que, na Prefeitura, há trâmites burocráticos que são mais longos, porque é uma estrutura gigantesca, que precisa licitar, que precisa de ata, que tem prazos mínimos para se encaminhar os pedidos. Comunicou que, com a modificação no cronograma, foi solicitado à Prefeitura a produção de mil folders, mas que, por estarmos fora do prazo estabelecido, o material não ficou pronto até a terça-feira da nossa ação. **Patrícia** explicou que, para folder, a comunicação da Prefeitura pede 30 dias de antecedência, e mostrou o documento oficial que estabelece os prazos mínimos. **Ana** disse que nós conseguimos em um prazo até menor, eles chegaram na quarta-feira, mas posterior à ação. Explicou que, junto

com a Fernanda, arcou com os custos para a impressão de cem folders para viabilizar a ação. Pontuou que a ação durou um prazo menor do que o previsto inicialmente, que era de 1h30, ocorrendo em 40 min, em razão do reduzido número de material disponível para distribuição. Falou sobre a possibilidade de olhar o copo meio cheio e avaliou a importância de comunicar as ocorrências, porque imprevistos acontecem, fluxos mudam, e que todos os conselheiros devem estar alinhados no sentido de entender a importância de nos comunicarmos. Mencionou que contamos, atualmente, com um número menor que os mil folders entregues pela Prefeitura, porque alguns foram distribuídos nas duas escolas, no último dia da roda de conversa. Após o relato, fez uma análise de que é muito importante cada um entender que todos nós fazemos parte do conselho, que é fundamental nos comunicarmos uns com os outros, inclusive quando há algum imprevisto ou mudança, para que seja possível pensar em uma solução conjunta. **Míriam Fátima** acrescentou que, além de conjunta, a solução deve ser rápida, para não atrasar os pedidos. **Ana** reforçou que é muito importante pensar isso para ações futuras que formos desenvolver. Sobre a parada educativa em si, **Ana** avaliou que foi um sucesso, que todos perceberam o quanto a população estava aberta para ouvir sobre o tema, que foram muitos elogios feitos à iniciativa do conselho, tanto no centro quanto no Jardim Canadá, que é importante reconhecer a qualidade do material. Contou que, no Jardim Canadá, um senhor desceu do carro para tirar foto, foi super aberto, ouviu, elogiou, disse que ações como essa tem que ser feitas mais vezes, que não sabia da existência do CAPS-AD. Ponderou que é importante ter esse recorte, porque, no Jardim Canadá, aparentemente, o perfil socioeconômico das pessoas que pararam é mais elevado, com a presença de muitos carros de luxo, que todas elas foram abertas e também trouxeram essa pontuação de não saber que o equipamento existe, que o conselho existe, que o fluxo para adultos e adolescente é diferente. Compartilhou seu sentimento de ter ficado feliz, que confirmou o que os conselheiros diziam dessa experiência anterior, reafirmando a importância das paradas educativas, do conselho comunicar com a população e pela forma como ela foi feita. Voltou a mencionar a metodologia, de não ser impositiva, mas convidativa, apresentando o conselho. Reforçou a importância da presença da Polícia Militar. Disse que recebeu as fotos feitas pela equipe da Prefeitura e avaliou a possibilidade de ser produzido um material visual. Parabenizou a todos e reafirmou seu entendimento de que o conselho está caminhando. Lembrou que, sobre a ação no Jardim Canadá, a Vera Lúcia, representante do Conselho Tutelar, apresentou um retorno positivo. **Adinan** pediu a palavra e retomou a questão da participação de um adicto no conselho. Disse que um membro de sua família passou por essa experiência e não está mais fazendo uso, que já pensou em convidá-lo para participar, mas que ele é uma pessoa de difícil entendimento, e perguntou sobre essa possibilidade. **Ana** respondeu que, como ouvinte, as pessoas são bem vindas, que o conselho tem

uma estrutura de ser da sociedade civil, que é um movimento democrático no qual a população vai participar, junto com o poder público, da construção de políticas públicas. Disse que ele pode fazer uma visita, acompanhar uma reunião, falar da experiência dele, se se sentir à vontade. Pontuou que é importante que os conselheiros tenham um alinhamento no sentido de ouvir, mais do que perguntar, sem intervir. Mencionou que considera como indicados para fazer uma eventual interlocução os profissionais da saúde mental que lidam com esse fenômeno, o que é chamado de manejo. Ponderou que, em relação a ocupar a cadeira, é um debate que passa pela lei do conselho, que diz que elas são ocupadas pelas instituições, entidades e grupos da sociedade civil. Explicou que uma pessoa física não pode ocupar uma cadeira. **Fernanda** perguntou sobre a situação do Vandeir e **Ana** explicou que ele participa como colaborador, que tem direito a voz, mas não a voto. Acrescentou que não se opõe ao convite para participação, que isso pode ser votado pela plenária. **Adinan** explicou que o interesse não era para ele ocupar a cadeira, mas para dar um depoimento. **Ana** reforçou que, antes de fazermos o convite, é muito importante que estejamos certos, de forma clara, se há, de fato, vontade e liberdade de participação por parte do convidado para relatar sua experiência, que devemos ter esse cuidado para não expor a pessoa. **Patrícia** opinou que o conselho é aberto à população e que seria gratificante ter outras pessoas da sociedade querendo contribuir, mas que enxerga a participação da sociedade nos conselhos de modo geral, não só nesse, como muito difícil, apesar de ser muito bem-vinda e positiva. Afirmou que, se o conhecido do Adinan se sentir à vontade para estar presente nas reuniões, podendo, inclusive, não falar nada, será muito bem recebido, como qualquer outra pessoa, independente de ser ex-usuária ou não, reforçando que, porém, a pessoa precisa se sentir confortável para tanto, não podendo ser um lugar de pressão, nem que ela se sinta obrigada a falar coisas que não deseja. **Ana** mencionou que, inclusive, no panfleto do Comad, há a divulgação do dia, horário e local onde acontecem as reuniões, que é justamente para chamar a população para construir o conselho. **Adinan** mencionou que, na família, não há qualquer tipo de pressão e que ele está reorganizando sua vida. **Ana** explicitou que, em relação à manifestação do Adinan, houve concordância pelos presentes. **Patrícia** explicou que os participantes que são ouvintes não possuem direito a voto por causa da regulamentação do conselho, mas ponderou que a fala dessas pessoas pode contribuir muito, já que o que é colocado pela sociedade pode levar o conselheiro a refletir e embasar suas decisões. Deu o exemplo do Vandeir, que está como colaborador e auxilia muito nas discussões. **Fernanda** compartilhou a própria experiência no Comdim, Conselho de Políticas para as Mulheres, onde participou como representante do coletivo Joga, Idalina! na figura de ouvinte convidada, contribuindo na criação do Instagram do conselho e demais atividades. **Fernanda** pediu a palavra para registrar que houve alguns atrasos no cronograma planejado para a semana, o que é normal e

deve ser compreendido por todos. Justificou que alguns itens propostos para serem executados não foram realizados, citando como exemplo o convite para influenciadores digitais divulgarem a parada educativa, porque foi necessário remanejar o planejamento das ações para apagar incêndios, comprometendo o tempo que seria destinado a outras resoluções. Esclareceu que a questão da organização de um evento é muito demandante e complicada, que há atropelamentos e que pode não sair tudo o que foi previsto, pedindo a compreensão de todos para essa realidade. Disse que quando a gente propõe, estamos trabalhando no mundo ideal, mas que o mundo real impõe outros desafios que precisam ser considerados, como o próprio tempo de resolução das coisas. Compartilhou seu sentimento pessoal de que foi muito exaustivo organizar cada ação e fazer essa semana, ainda mais por ter sido necessário contornar uma situação desfavorável, já mencionada. Refletiu que, nas próximas ações, é importante tentar amenizar a carga que fica para poucas pessoas ou encontrar algum tipo de auxílio, pensando em alternativas para não sobrecarregar. **Ana** pontuou que foi questionada a disponibilização do transporte para os conselheiros e explicou que, dentro da Prefeitura, isso é algo delicado, voltando a falar da dimensão dos conselhos, que existem de tamanhos diversos no município. Informou que a tentativa do carro foi feita e que, apesar das dificuldades, podemos analisar que o apoio disponibilizado relaciona-se ao fortalecimento do conselho, que vem sendo construído junto à Prefeitura. Ressaltou, ainda, que devemos olhar o copo meio cheio e reconhecer que outros arranjos foram possíveis, reforçando o senso comunitário e de união durante as ações, ponderando, contudo, que devemos ter atenção para ações futuras. **Fernanda** pontuou que precisamos entender que somos independentes da Prefeitura, porque, além de toda a burocracia que ela impõe, como bastante prazo de antecedência para receber os pedidos, nem sempre nós conseguiremos tudo o que demandamos, até mesmo pelo tamanho do conselho. Afirmou que, falando em português claro, somos um conselho pequeno, que precisa crescer para receber mais. Opinou que a Prefeitura custear tudo seria o ideal, mas que devemos trabalhar com mais pé no chão. **Míriam Fátima** ponderou que estamos crescendo e afirmou que intercorrências existem. Avaliou que, dentro do que foi proposto, podemos concluir que foi excelente, que apesar da corrida final, a ação saiu com um resultado muito positivo, que devemos valorizar os parceiros, como a PM e o Vandeir, e parabenizou os conselheiros como um todo. Informes: **Ana** informou que irá apresentar os resultados das ações no Grupo de Trabalho Saúde na Escola, do qual a Coordenadoria de Políticas sobre Drogas faz parte. **Vandeir** informou que, há duas semanas, deu início ao seu trabalho voluntário e pessoal de conscientização com uma turma da escola do bairro Bela Fama e promoveu uma palestra sobre drogas para alunos da Crisma. Decisões aprovadas: 1. A plenária aprovou a possibilidade do conselheiro Adinan fazer o convite ao seu familiar para

acompanhar uma reunião do conselho, no momento que ele entender oportuno. 2. A plenária aprovou que o material produzido ficará guardado no arquivo do Comad na Subsecretaria de Direitos Humanos da SEMDS, no espaço reservado à Coordenadoria de Políticas Sobre Drogas.

Encaminhamentos: 1. Comunicar aos responsáveis que houve uma demanda por parte dos alunos para tratar, nas escolas, o tema da gravidez. 2. Solicitar um *feedback* aos profissionais que conduziram as conversas. 3. Disponibilizar as fotos. Sem mais, a reunião foi encerrada às 11h. Esta ata foi redigida pela 1ª secretária Fernanda Fonseca, lida, aprovada em plenária e assinada pela presidente.

  
**Presidenta do COMAD-NL**